

## Capítulo 1

Um cavaleiro e uma senhora que viajavam de Tonbridge para a zona da costa do Sussex situada entre Hastings e Eastbourne, depois de, para tratarem de um assunto, terem deixado a estrada principal, aventurando-se por um caminho muito irregular, sofreram um acidente em que a carruagem virou quando empreendiam a custo a longa subida, metade rocha, metade areia. O acidente ocorreu pouco depois da única casa rica perto do caminho — a casa que o cocheiro, quando lhe pediram para seguir naquela direção, tinha pensado que seria o destino pretendido, mas depois tivera de passar à frente, o que fizera com grande má vontade. Resmungara, encolhera os ombros e manifestara pena pelos cavalos, que chicoteara tão bruscamente, que se poderia suspeitar ter contribuído para que a carruagem virasse (sobretudo porque esta não pertencia ao patrão) se a estrada não tivesse piorado inquestionavelmente logo depois da casa em questão. Além disso, comentara com uma expressão agoirenta que, para lá dela, as únicas rodas que poderiam prosseguir com segurança seriam as de uma carroça. A lentidão do ritmo a que seguiam e a estreiteza da via suavizaram a gravidade da queda; depois de o cavaleiro ter conseguido sair e de ter ajudado a companheira, nenhum dos dois, inicialmente, se sentiu mais do que abalado e pisado. O cavaleiro, porém, ao sair, tinha torcido o pé — e não tardou a

sentir dores, vendo-se obrigado poucos momentos depois a interromper as advertências ao cocheiro e as expressões de encorajamento dirigidas à mulher e a si mesmo, para se sentar na rampa, por não conseguir aguentar-se de pé.

“Há aqui algum problema”, disse, levando a mão ao tornozelo. “Mas não te preocupes, querida”, olhou para ela com um sorriso, “como sabes, não podia ter acontecido em melhor lugar — há males que vêm por bem. É possível que tenha sido tudo pelo melhor. Em breve receberemos tratamento. *Ali*, imagino eu, está a minha cura”, aponta para as traseiras impecáveis de uma casa de campo que parece romanticamente situada num bosque sobre uma elevação a alguma distância. “Não será *aquela casa* precisamente o lugar que procuramos?”

A sua mulher esperava fervorosamente que assim fosse; mas, aterrorizada, ansiosa e incapaz de fazer ou sugerir alguma coisa, nem sequer conseguia mexer-se; só quando viu várias pessoas aparecerem para os socorrer sentiu o primeiro alívio verdadeiro. O acidente tinha sido visto de um campo de feno adjacente à casa por que tinham passado. As pessoas que se aproximavam eram um homem de meia-idade, de bom aspeto, robusto e com ar de cavalheiro, proprietário do lugar, que por acaso estava entre os apanhadores de feno na altura, e três ou quatro dos mais capazes destes, chamados para prestar apoio ao patrão — sem esquecer todos os outros que estavam no campo, homens, mulheres e crianças — não muito longe.

O Sr. Heywood, assim se chamava o proprietário em questão, aproximou-se com uma saudação muito amável, grande preocupação com o acidente, alguma surpresa perante o facto de alguém se atrever a passar por ali de carruagem e com ofertas imediatas de auxílio. Estas amabilidades foram recebidas com boa educação e gratidão. Enquanto um ou dois homens ajudavam o cocheiro a endireitar a carruagem, o viajante disse: “É muito amável, senhor, e aceito a sua ajuda. O problema que tenho na perna é, atrevo-me a dizer, insignificante. Mas nestes casos, como deve saber, é sempre melhor ouvir o mais depres-

sa possível a opinião de um cirurgião; e, visto que não me parece que as condições da estrada me permitam deslocar-me, ficaria grato se mandasse um destes bons homens chamá-lo.”

“Um cirurgião, senhor!”, exclamou o Sr. Heywood. “Receio que nas redondezas não haja qualquer cirurgião disponível, mas acho que passaremos bem sem ele.”

“Não, senhor, se *o cirurgião* não está, o sócio também servirá, se calhar até será melhor. Prefiro uma consulta com o sócio. Até prefiro o sócio. Um destes bons homens poderá chamá-lo em três minutos, de certeza. Não pergunto se se vê daqui a casa”, olha para a casa de campo, “porque, tirando a sua, não passámos por qualquer outra que possa ser morada de um cavalheiro.”

O Sr. Heywood, com ar muito espantado, respondeu: “O quê, senhor! Pensa que há um cirurgião naquela casa? Posso garantir que nesta paróquia não temos nem cirurgião nem sócio.”

“Peço desculpa, senhor”, retorquiou o outro. “Desculpe parecer contradizê-lo, mas pode não estar ao corrente, devido à dimensão da paróquia ou por outro motivo. Espere. Será que me enganei no lugar? Não estamos em Willingden? Isto não é Willingden?”

“Sim, senhor, estamos sem dúvida em Willingden.”

“Então, senhor, posso mostrar provas da existência de um cirurgião na paróquia, quer seja do seu conhecimento, quer não. Aqui, senhor”, pega numa agenda, “se fizer o favor de ver estes anúncios que eu próprio recortei do *Morning Post* e da *Kentish Gazette*, ontem de manhã mesmo, em Londres, acreditará que não falo sem saber. Encontrará um comunicado sobre a dissolução de uma parceria médica na sua própria paróquia — clientela considerável, referências inegavelmente respeitáveis, desejo de formar nova parceria. Está aqui toda a informação, senhor”, entrega-lhe dois pequenos retângulos de texto.

“Senhor”, disse o Sr. Heywood com um sorriso bem-disposto, “mesmo que me mostrasse todos os jornais impressos durante uma semana por esse reino fora, não me convenceria da

existência de um cirurgião em Willingden. Tendo em conta que vivo aqui desde que nasci, há cinquenta e sete anos, acho que *conheceria* essa pessoa. Atrevo-me pelo menos a dizer que não pode ter *grande* negócio. Sem dúvida, se muitos cavalheiros tentassem percorrer este caminho em diligências, um cirurgião que tivesse uma casa no topo da colina não faria mau negócio. Mas quanto a essa casa de campo, posso garantir, senhor, que, na realidade, apesar de ao longe parecer encantadora, é uma habitação como qualquer outra na paróquia e o meu pastor vive numa metade e três senhoras de idade vivem na outra.”

Enquanto falava, pegou nos papéis e, depois de lhes dar uma vista de olhos, acrescentou: “Acho que posso explicar, senhor. O erro é o lugar. Há dois Willingdens nesta região. E o anúncio diz respeito ao outro, que se chama Great Willingden ou Willingden Abbots e fica a onze quilómetros daqui, do outro lado de Battle — muito mais abaixo no Weald. E *nós*, senhor”, acrescentou, falando com ar orgulhoso, “não estamos no Weald.”

“Sem dúvida, não estão *na zona mais baixa* do Weald”, respondeu o viajante prazenteiramente. “Demorámos meia hora a subir esta colina. Bem, acredito que tem razão e cometi um erro abominavelmente estúpido — por precipitação. Só reparei nos anúncios meia hora antes da partida — no ambiente de pressa e confusão que rodeia sempre uma pequena estada ali. Só se consegue fazer alguma coisa, sabe, depois de a carruagem chegar à porta. Por isso, dando uma vista de olhos, e percebendo que por acaso íamos passar a um quilómetro e meio de um *Willingden*, não aprofundei a questão... Minha querida”, para a sua mulher, “desculpa ter-te metido nesta alhada. Mas não te preocupes com a minha perna. Se não me mexer, não dói. E, logo que estes bons homens conseguirem endireitar a carruagem e preparar os cavalos, o melhor que temos a fazer é regressar à estrada principal, seguir para Hailsham, e depois para casa, sem tentarmos mais nada. Em duas horas estaremos em casa, depois de Hailsham. E em casa, teremos o remédio à mão, sabes? Depois de respirar um pouco do nosso tonificante

ar do mar, não tardarei a recuperar. Acredita, querida, é precisamente o tipo de problema que o mar resolve. Ar salgado e imersão serão o tratamento ideal. Já tenho essa sensação.”

Com a maior das amabilidades, o Sr. Heywood interveio, recomendando-lhes que não pensassem em avançar antes de o tornozelo ter sido examinado e de terem tomado alguma coisa, e insistindo muito cordialmente em que recorressem à casa dele para esses dois fins.

“Estamos sempre bem fornecidos”, disse, “dos remédios habituais para entorses e nódoas negras. E posso garantir que a minha mulher e as minhas filhas terão todo o prazer em ser-vos úteis em tudo o que puderem.”

Uma pontada ou duas, quando tentou mover o pé, predispueram o viajante a pensar melhor sobre a questão do tratamento imediato; e, depois de consultar a mulher com o comentário breve “Bem, minha querida, acho que será melhor para nós”, voltou a virar-se para o Sr. Heywood e disse: “Antes de aceitarmos a sua hospitalidade, senhor, e de modo a dissiparmos qualquer impressão menos favorável que a busca infrutífera em que me encontro possa ter suscitado, permita-me que nos apresentemos. Eu chamo-me Parker, Sr. Parker, de Sanditon; esta é a Sr.<sup>a</sup> Parker, minha mulher. Regressávamos a casa depois de uma estada em Londres. É possível que o meu nome, apesar de eu de modo nenhum ser o primeiro a possuir propriedades na paróquia de Sanditon, seja desconhecido a esta distância da costa. Mas quanto a Sanditon — toda a gente já ouviu falar. É uma estância balnear em ascensão, sem dúvida o lugar preferido dos que frequentam a costa do Sussex — o mais favorecido pela natureza, com potencial para ser o mais frequentado.”

“Sim, já ouvi falar de Sanditon”, respondeu o Sr. Heywood. “A cada cinco anos ouve-se falar de um ou dois novos lugares à beira-mar que adquirem popularidade e se tornam moda. Como pode metade deles estar cheia é espantoso! *Onde* arranjarão as pessoas tempo e dinheiro para irem para lá?! É mau para o